

## O sujeito afásico CN em destaque

(Focus on aphasic person CN)

**Cinthia ISHARA\***

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)

### RESUMO

O presente artigo se baseia no acompanhamento clínico de um sujeito afásico, CN. Em seu processo terapêutico, a opção por uma teoria de linguagem que inclui o sujeito, ao invés de uma teorização voltada apenas para o sintoma e para o que falta em sua fala, mostra-se decisiva para promover e explicar as mudanças que CN faz durante o período do acompanhamento. Tais mudanças reforçam que não se trata de ensinar ou treinar os aspectos alterados pela afasia, mas que é no exercício da linguagem que CN pode reconhecer-se como falante e exercer sua condição de sujeito da linguagem.

### PALAVRAS-CHAVE

Afasia. Terapia. Fonoaudiologia. Subjetividade. Apraxia.

### ABSTRACT

*This paper is based on a case study of an aphasic person, CN. We longitudinally examine the performance of CN in different situations.*

---

\* Sobre a autora consultar página 144.

*The study adopts the aphasia's discursive approach (Coudry, 1986, 1988). We try to understand changes in CN's language functioning and the characteristics of CN's aphasia. The improvements in CN's language functioning from our initial evaluation provides support for the language's view that includes the subject in its scope and the therapeutic process that is not limited to following training programs or educational treatments.*

### **KEYWORDS**

*Aphasia. Therapy. Speech pathologist. Subjectivity. Apraxia.*

Este artigo se baseia no acompanhamento longitudinal de CN realizado por Ici durante pouco mais de um ano e assentado nos pressupostos teórico-metodológicos da Neurolinguística Discursiva (doravante ND). O acompanhamento se caracterizou por práticas que evidenciam a maneira como CN enfrentou as alterações no funcionamento da linguagem desde o AVCi (Acidente Vascular Cerebral Isquêmico) esquerdo em janeiro de 2006, devido a aneurisma na carótida esquerda.

CN apresentava uma lesão cerebral fronto-parieto-insular em hemisfério esquerdo. As características de sua afasia abrangiam instabilidade na seleção de segmentos, verbos e conectivos, bem como em aspectos discursivos envolvidos na relação entre enunciado e enunciação. O esforço para conter cadeias de associações fônicas e a constante re-instauração da cena enunciativa<sup>1</sup> na produção de seus enunciados se destacam enquanto características do funcionamento da afasia de CN.

Os pressupostos teóricos da ND que orientaram a prática clínica com CN atribuem ao sujeito papel ativo e fundamental no processo terapêutico. Trata-se de uma perspectiva discursiva na abordagem da afasia para a qual

---

<sup>1</sup> O esforço para conter cadeias de associações fônicas se traduz por uma fala silabada e pausada e a re-instauração da cena enunciativa é representada por momentos em que CN retoma a fala do outro para contar o que ocorreu, encenando todo o acontecimento e assumindo o lugar e fala dos personagens.

importa como o sujeito afásico lida com a afasia, como re-elabora suas dificuldades e quais as condições em que se constrói a interação com o terapeuta. É nesse contexto que se inscreve a discussão sobre as alterações de linguagem a que CN ficou sujeita em seu quadro afásico e em seu processo de reconstrução da linguagem.

CN tinha 31 anos quando iniciou o acompanhamento com Ici. Interrompera o trabalho, o curso de Relações Públicas e outras atividades para cuidar de sua saúde. A paixão comum de Ici e CN pelos animais contribui para que possam partilhar conhecimentos, construir vínculos significativos e um espaço de interação, no qual CN não deve simplesmente responder a exercícios mecânicos e executar tarefas descontextualizadas, mas no qual, acompanhando Coudry (1986, 1988, p 195), interessa “privilegiar o sujeito, conferindo-lhe um lugar prioritário em relação à afasia de que é portador.” Constitui-se, dessa forma, um investimento conjunto para compreender e reconstruir processos linguísticos esgarçados pela afasia. Isso implica em considerar as repercussões da lesão naquele sujeito e sua relação com a afasia. Talvez, pensando nisso, a melhor maneira de apresentar CN seja deixando-a falar.

### **DADO 1 – Silabando**

**Data:** 22/03/07

Ici e CN conversavam sobre imóveis que ficam abandonados por problemas com inventário. CN explicava para Ici que, na região onde mora, há muitos imóveis que ficam abandonados por questões legais. Durante essa conversa, CN silabava com muita frequência, como era comum nesse período. A seguir, apresentamos um trecho que destaca o momento em que Ici questiona a maneira como CN estava falando - de maneira pausada, silabando. CN explica que quando vai falar “vem muito” e faz um gesto sinalizando a necessidade de interromper esse movimento.

Nº	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre condições de produção do enunciado não-verbal
1	Ici	Por que você fala assim, separando as sílabas?	Tom: interrogativo	
2	CN	Por-que fica mais fácil. Porque aqui na minha cabeça tá tudo. Tá bom.	Tom: afirmativo	Põe a mão na cabeça.
3	CN	Mas aqui, falando /	Tom: afirmativo	Põe uma das mãos no pescoço.
4	CN	Aqui tá na minha cabeça, mas /	Tom: afirmativo	Põe uma das mãos na cabeça novamente.
5	CN	Esse aqui não! Ai meu Deus!	Tom: surpresa	De novo com a mão no pescoço.
6	CN	Então, assim /	Tom: pensativo	Faz gesto de parar repetidamente, direcionando a palma da mão em posição vertical para Ici.
7	CN	Deixa eu ver /	Tom: pensativo	Começa a escrever “inventário”, assunto sobre o qual falava anteriormente.
8	CN	Aqui tá bom	Tom: afirmativo	Aponta para o que escreveu.
9	CN	Mas aqui /	Tom: decepção	Mostra a boca.
10	CN	Tem que // esse ou esse? Ou esse?	Tom: interrogativo	
11	Ici	Porque você tem que procurar	Tom: dúvida	
12	CN			Movimenta a cabeça de um lado para o outro, discordando de Ici.
13	CN	Vem muito!	Tom: exclamativo	
14	Ici	Inclusive aqueles que você não quer.	Tom: afirmativo	
15	CN			Movimenta a cabeça para cima e para baixo, concordando com Ici.

Nº	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre condições de produção do enunciado não-verbal
16	<b>CN</b>	Nossa! Muito! Porque... Ou, ou nada, né? "E / e / e agora?"	Muda o tom de voz, marcando a frase "E agora?" que utiliza muito quando tem dificuldades para completar sua fala.	
17	Ici	Ou não vem nada ou vem tudo de uma vez.	Tom: dúvida	
18	<b>CN</b>	Porque aí ou tudo ou nada.	Tom: afirmativo	

Quadro 1: Dado 1

Fonte: Tabela BDN CNPq n° 521773/95-4

Esse dado pode destacar quanta coisa CN faz diante das alterações que aparecem, de quantos recursos procura lançar mão, como ela reflete sobre o que ocorre e se posiciona diante de tudo isso. Ela descreve o funcionamento de sua linguagem na afasia e o que faz quando se vê diante das alterações que aparecem em sua fala. Seu relato mostra que ela entende a silabação como um recurso para conter a profusão de produções que lhe vêm. CN percebe diferenças entre o funcionamento da escrita e da fala e assinala sua capacidade de pensar.

Antes de chegar ao CCA (Centro de Convivência de Afásicos – Labone – IEL/UNICAMP), CN experimentara outro tipo de atendimento fonoaudiológico.

A seguir encontram-se algumas tarefas do atendimento anterior pelo qual CN passou:

Data: início de 2006

Atividades que constam no caderno que era usado no atendimento anterior.

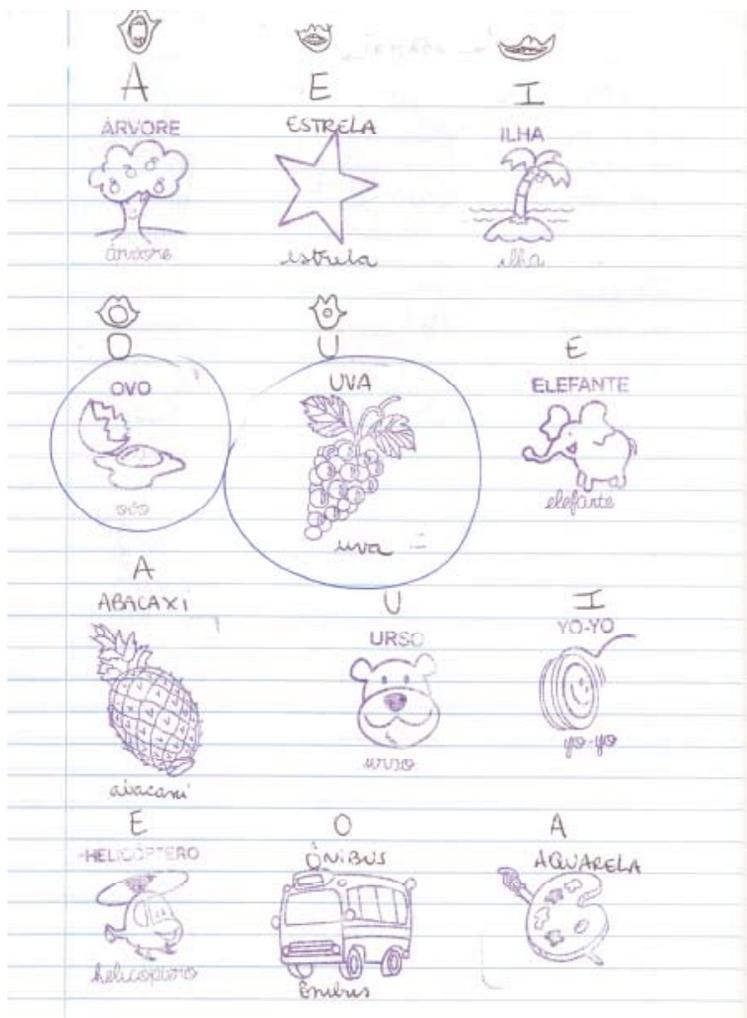


Ilustração 1: atividades de CN

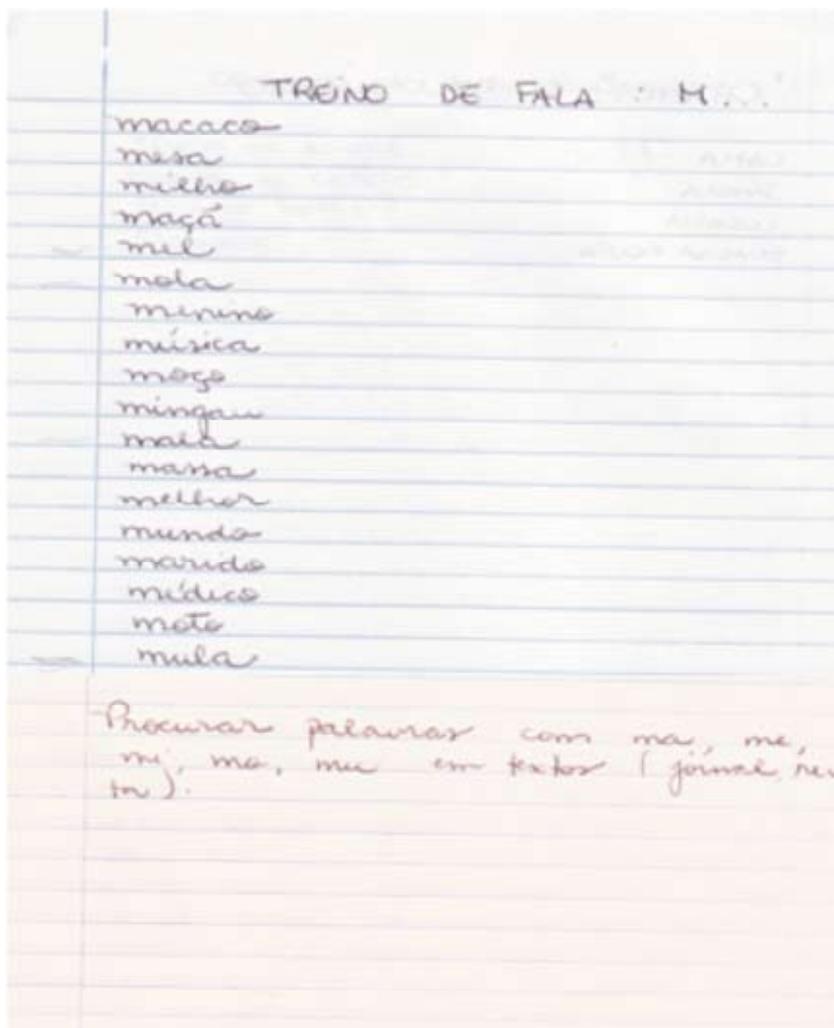
A - árvore - carimbo com desenho – indicação da posição dos lábios

E - estrela - carimbo

I - ilha - carimbo

O - ovo - carimbo

U - uva - carimbo



**Ilustração 2:** atividades de CN

Treino de Fala: M

Macaco, mesa, milho, maçã, mel, mola, menino, música, moço, mingau, mala...

Procurar palavras com ma, me, mi, mo, mu em textos (jornal, revista).



**Ilustração 2:** atividades de CN

Treino: ma ma; me me; mi mi; mo mo; mu mu.

Escrita:

carimbo com desenho de mala: M A L A, moto, ovo, uva, mico.

É difícil acreditar que essas tarefas são propostas para a mesma pessoa apresentada no Dado 1, mesmo levando em conta a data dos dados. Enquanto no Dado 1 é possível perceber um sujeito refletindo e agindo sobre a linguagem, as tarefas apresentadas no caderno parecem direcionadas a um sujeito que não tem condições de lidar com linguagem, mas apenas de executar comandos. Tais tarefas mostram exercícios que se aproximam de tarefas escolares, no pior sentido de escolar (conforme COUDRY; MAYRINK-SABINSON, 2003). É possível supor, a partir delas e do relato de CN, um apagamento do sujeito e uma redução do que seja a linguagem. O que as tarefas acima conseguem mostrar de CN, lidando com a afasia ou de como se mostra sujeito da linguagem? Que chances elas oferecem a CN para que experimente ajustes e desajustes, arranjos e re-arranjos da/na linguagem? Elas são representativas de uma certa maneira de conceber a linguagem e, conseqüentemente, suas desordens. A linguagem é vista como uma espécie de código e as tarefas propostas impedem que o sujeito mostre os recursos linguísticos ainda presentes e como são articulados. Não há chances para que o sujeito explore suas (im)possibilidades. O que vai ser descrito e treinado já está pré-estabelecido. Qualquer produção do sujeito será encaixada em uma tipologia de erro para a qual a linguagem em funcionamento não é relevante. Não há teorização que sustente um olhar para a linguagem. Não há espaço para os restos de linguagem, para o corpo, para o humano (FREUD, 1891).

Há mais de vinte anos, Coudry e Possenti (1983) já apontavam os problemas envolvidos na descrição e análise da linguagem na patologia. Coudry (1986, 1988) partia da crítica aos testes-padrão aos quais os sujeitos afásicos estão submetidos até hoje e discutia a concepção de linguagem envolvida nessas atividades. A autora destacava que a maneira como a linguagem e a Linguística eram tomadas na avaliação e terapia da afasia impediam a compreensão do fenômeno. É impressionante que ainda hoje se tenha que voltar a esse tema, observando que o cenário atual ainda é dominado por abordagens que, partindo de uma visão reducionista da linguagem e de uma aplicação direta de conceitos da Linguística, desconsideram os construtos teóricos dos quais esses conceitos fazem

parte, excluem o sujeito, as condições de produção e outros fatores que seriam relevantes para a interpretação dos dados.

Enquanto no Dado 1 o sujeito é provocado a olhar para o funcionamento da linguagem, nas tarefas destacadas de seu caderno existe a suposição de que a linguagem pode ser ensinada ou treinada. Na verdade, nessas tarefas, não se pode falar em linguagem em funcionamento. Trata-se de tarefas artificiais para as quais os papéis desempenhados pelos participantes e as condições de produção do enunciado não são relevantes.

Um depoimento perspicaz sobre os riscos envolvidos em algumas propostas para o tratamento de sujeitos afásicos que desconsideram aspectos fundamentais sobre a linguagem em funcionamento vem de um sujeito afásico, SL, que foi acompanhado no CCA. Em seu relato sobre o atendimento fonoaudiológico que experimentara logo após o AVC, ele adverte com muito bom humor sobre o engano de uma abordagem que se proponha a “ensinar” linguagem ou que veja o afásico como um depositário de faltas a serem supridas. SL conta que a fonoaudióloga lhe dissera que ele perdera a linguagem e que agora teria que ter paciência para aprender tudo de novo. Muito espirituoso e inteligente, SL relata que, então, questionou a fonoaudióloga pedindo a ela que o ensinasse em alemão!<sup>2</sup> Nessa “brincadeira”, SL ensina o que é linguagem e o que é afasia. Ele reconhece e reclama seu lugar de sujeito da linguagem que não pode ser apagado com a lesão. É disso também que tratam os inúmeros momentos de reflexão e re-elaboração da linguagem experimentados por CN, nos quais ela também reivindica um espaço para si e para a sua linguagem. Refletir sobre tais momentos que os sujeitos nos oferecem para uma aproximação sobre o funcionamento da linguagem é um privilégio que só ganha visibilidade em abordagens que se ocupam de teorizações sobre a relação constitutiva entre sujeito e linguagem e que tomam a interlocução como espaço no qual o sujeito se constitui como locutor na relação com o outro e preenche papéis discursivos em situações reais e em diferentes condições de produção.

Abaurre e Coudry<sup>3</sup> assinalam que

<sup>2</sup> Como já referido por Coudry no artigo *Neurolinguística Discursiva: afasia como tradução*, neste número da revista Estudos da Língua(gem).

<sup>3</sup> ABAURRE, M. B. M.; COUDRY, M. I. H. *Em torno de sujeitos e olhares* (neste número).

o sistema a ser (re)construído não está pronto e à disposição e não se trata de suprir as faltas decorrentes da afasia, mas inserir de novo o sujeito na relação com a linguagem, e tudo que isso implica (p. 175).

A despeito da complexidade envolvida no funcionamento da linguagem, o processo tradicional<sup>4</sup> de reabilitação<sup>5</sup> de sujeitos afásicos envolve basicamente treino de palavras ou frases. Uma breve revisão na literatura parece mostrar que o tipo de exercício proposto acima se faz presente em propostas atuais. Embora haja uma forte influência e reconhecimento de uma certa Pragmática no tratamento dos sujeitos afásicos, a idéia de que é preciso treinar aspectos da linguagem domina o cenário da reabilitação. Teorias cognitivistas e conexionistas têm se esforçado para compreender mecanismos subjacentes aos déficits apresentados pelo sujeito, esmiuçando rotas de processamento envolvidas e, assim, diferenciando aspectos do processamento da informação envolvidos em cada déficit. Porém, tais esforços têm sido inadvertidamente traduzidos em exercícios para terapia que visam a isolar os déficits a serem treinados. Ao constatar a grande dificuldade em estender a melhora obtida no treino para as situações cotidianas, cresce o interesse por incluir tarefas voltadas a esse objetivo. É dessa maneira que a Pragmática vem sendo incluída na área.

Morato (1995, p. 30) observa:

parece que novos objetos (de ordem sociolinguística ou pragmática) têm sido simplesmente encaixados na velha classificação de problemas neurolinguísticos de maneira ad hoc. Com isso, nem sempre se consegue questionar o ponto de vista sobre o problema teórico da significação e nem se altera a própria idéia que se tem do fenômeno linguístico-cognitivo

O que torna, muitas vezes, a discussão sobre questões metodológicas desarticulada de questões teóricas importantes para a área.

---

<sup>4</sup> O termo tradicional é empregado aqui no mesmo sentido que lhe confere Coudry – relatório do CNPq/ Projeto “Contribuições da pesquisa Neurolinguística para avaliação do discurso verbal e não-verbal” (1997) – que abrange a Fonoaudiologia para a qual está ausente qualquer reflexão da linguística.

<sup>5</sup> O termo reabilitação, amplamente utilizado na Fonoaudiologia, parece um termo resistente na área, combinando com uma abordagem que vê a linguagem como uma habilidade que pode ser perdida e que se propõe a treinar os sujeitos para que recuperem tal habilidade.

Nos artigos da área, predomina a indicação do treino como ferramenta de reabilitação. Varley e Whiteside (2001), fazendo uma revisão sobre o tratamento das apraxias e da afasia de Broca, observam que as estratégias de tratamento envolvem treino da produção individual de segmentos e subsequente junção de segmentos em sílabas nonsense.

Veja-se, no dado a seguir, que CN recusa retomar um atendimento naqueles moldes.

## DADO 2 – medo

Data: 13/09/07

Ici havia pedido para que CN lhe trouxesse o caderno do atendimento anterior. Ici comentara com CN que Imc havia lhe contado sobre a existência desse caderno.

CN pega o caderno, mas se mostra receosa em entregá-lo. Ela indica sua opinião sobre as atividades nele contidas. Em seguida, começa a encenar o que ocorria no atendimento, manifestando sua indignação com o tratamento recebido e com a insistência da antiga fonoaudióloga em repetir as mesmas tarefas à sua revelia. CN marca em sua fala que havia coisas que ela sabia e coisas que ela queria e propunha, mas que a fonoaudióloga não dava atenção às suas indicações.

Nº	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre condições de produção do enunciado não-verbal
1	CN	Ó, mas, ó, a moça é bom pra criança. Mas eu sei isso.	Tom: decepção.	Segura o caderno com força.
2	CN	Aí eu: CA:I:U:	Tom: indignação Exagerando na articulação da palavra.	
3	CN	Você fala: “Ca-iu” Eu vou ver. A a num quer!	Tom: indignação	
4	CN	Ela queria / Eu queria / Você fala assim é: “Mel”. Assim eu sei que é isso. Eu queria falar: “Meia”, “Meia”. Tá bom, tá bom. É isso. Eu sei. Eu quero.	Tom: indignação	

**Quadro 2:** Dado 2

Fonte: Tabela BDN CNPq n° 521773/95-4

A evidente indignação de CN, durante seu relato, que a deixa tomada por esse sentimento ou mais preocupada em marcar esse seu sentimento do que, de fato, explicar a situação para seu interlocutor, aliada à característica do funcionamento da linguagem de CN de encenar o que ocorreu, tomando as falas de cada personagem para contar o que deseja (re-instauração da cena enunciativa - característica que será mais discutida no decorrer deste trabalho) imprimem a esse dado uma maior dificuldade de interpretação.

CN relata um atendimento que desconsiderava o que ela percebia sobre seu funcionamento a favor de uma técnica de treino a ser aplicada. Ela reconhece inclusive uma desvalorização dela enquanto uma mulher de 30 anos. Antes de entregar o caderno, ela pede que Ici não use com ela os exercícios nele contidos.

Na perspectiva discursiva proposta por Coudry (1986, 1988) e que vem sendo refinada ao longo desses anos, é fundamental o acompanhamento longitudinal do sujeito, no qual, através de diferentes práticas dialógicas, o sujeito pode enfrentar e refletir sobre suas dificuldades e é possível conhecer os recursos linguísticos de que dispõe para lidar com elas e as resoluções que aparecem. Abaurre e Coudry (2008) constata:

Olhar para o sujeito afásico como quem (re)toma o espetáculo da linguagem e da língua em funcionamento (interlocução; organização em níveis, usos e funções) quer dizer estender a concepção de doença de Foucault (1961), estruturalmente definida, para a condição patológica posta pela afasia: a que define a partir da linguagem do sujeito afásico, mesmo fragmentária, para conhecer o que a afasia apaga e o que o sujeito sublinha, seja recorrendo ao sistema verbal, seja a outros sistemas semióticos, concebidos, como a linguagem, historicamente. E essa atividade do sujeito – aquilo que ele realça, os recursos e as operações que emergem a partir de sua doença – não poderá ser apreendida fora das condições de exercício da linguagem (ABAURRE; COUDRY, 2008, p. 176).

Um olhar semelhante para o sujeito está presente em Sacks, neurologista que se destaca ao chamar, insistentemente, a atenção para o

fato de que limitar nosso olhar para lesões cerebrais e “faltas” consequentes a ela é se afastar da possibilidade de compreender o que se descortina nesses acontecimentos e nesses sujeitos. Em seus relatos, o neurologista procura descrever como as alterações neurológicas repercutem na vida de cada sujeito. O autor utiliza narrativas nas quais está incluída a dimensão antropológica que possibilita se aproximar e compreender o humano. Veja-se a seguinte passagem em que o autor destaca a diferença entre o sujeito submetido à situação de testagem e o sujeito envolvido em uma atividade em que pode se sentir “vivo” e “real”:

Ela (Rebeca) havia se saído horrivelmente nos testes – que, em certo sentido, foram projetados, como toda testagem psicológica e neurológica, não apenas para descobrir, revelar deficiências, mas também para decompô-la em funções e deficiências. Ela se partira terrivelmente em pedaços na testagem formal, mas agora estava misteriosamente ‘junta’ e composta. (SACKS, 1997, p. 171).

Situações de testagem, como as citadas por Sacks, foram amplamente e minuciosamente discutidas por Coudry (1986, 1988). A autora faz uma análise sobre as tarefas constantes nos testes de afasia que podem provocar uma reflexão sobre tarefas usadas na terapia dos sujeitos afásicos:

Fica evidente que esses tipos de tarefa excluem o interlocutor da situação de interlocução; esta é construída do ponto de vista do locutor-examinador, mesmo sob a aparência de um pedido para que o afásico fale. (...) Em segundo lugar, essas tarefas não possuem da linguagem, o seu papel de representação de experiências efetivas sobre si próprio, sobre os outros e sobre o mundo (...). Pelos parâmetros desses testes, igualam-se todos os sujeitos, para ser simplesmente um elemento da categoria ‘afásico’. Assim, anulam-se todas as coordenadas do diálogo (COUDRY, 1986, 1988, p. 11).

Nesse contexto, o que ocorre durante o acompanhamento de CN não tem como objetivo o treino ou o preenchimento de uma falta, mas sim, o objetivo de trazer elementos que ponham em movimento determinados aspectos envolvidos no funcionamento da linguagem e convoquem o

sujeito para lidar com o funcionamento da língua e da linguagem. Isso requer do terapeuta um raciocínio clínico pautado, por um lado, no que (re)conhece do sujeito e de linguagem. Nesse sentido, ganha relevo a idéia de criar “espaços em que se possa favorecer mecanismos de descoberta e expressão que o próprio sujeito elabora” (COUDRY, 1986, 1988, p 198).

Diante das questões presentes no quadro de CN, constatou-se a singularidade de um caso que se recusa a encaixar<sup>6</sup> nas classificações e descrições existentes, revelando os limites para o estudo da afasia fora do contexto de seu funcionamento.

A partir da abordagem discursiva que orientou a avaliação e o acompanhamento clínico de CN foi possível reunir um conjunto representativo de dados e de aspectos implicados em sua produção/ interpretação que configuram a afasia de CN e sua evolução clínica. Dessa maneira, constatou-se, como afirma Coudry (1986, 1988, p. 196), que

uma avaliação centrada em uma perspectiva discursiva amplia o universo de estudo dos problemas linguísticos do sujeito afásico e oferece acesso empírico à observação e análise das múltiplas faces do objeto linguístico envolvidas em um determinado processo patológico.

A partir de uma concepção de linguagem historicamente marcada e de um referencial discursivo (interlocução, jogo de imagens entre interlocutores e sobre o referente, condições de produção dos enunciados, papéis discursivos, subjetividade e práticas discursivas), foi possível acompanhar um percurso no qual Ici propõe a CN que participe de diferentes situações dialógicas, o que lhe possibilita entrar em contato com suas dificuldades de maneiras diversas. CN ocupa diferentes papéis discursivos e reflete sobre as situações que enfrenta e sobre como as enfrenta. CN não está, assim, lidando apenas com suas produções em si, mas com diferentes contingências enunciativas. A partir das diferentes respostas que tem do outro e que dá ao outro e dos diferentes ajustes que

---

<sup>6</sup> Valeria salientar que não é CN que não se encaixa nas categorias, mas as categorias que não dão conta de explicar o que ocorre com CN.

tem que fazer nesse percurso, experimenta diferentes maneiras de lidar com sua afasia e consigo mesma nessa condição.

É no exercício da linguagem que CN pode reconhecer-se como falante e exercer sua condição de sujeito da linguagem. Assim, a compreensão do funcionamento de sua afasia não depende de considerar apenas o sistema da língua *stricto sensu*, no qual aspectos fonético-fonológicos e sintáticos estão presentes, mas depende também de levar em conta aspectos enunciativo-discursivos como constitutivos dessas produções.

As características da afasia de CN reforçam a idéia presente em outros estudos alinhados com a proposta teórica da ND de que as chamadas alterações motoras da linguagem (nível fonético-fonológico) não ocorrem fora de sua condição simbólica, nem, tampouco, fora de sua condição de uso. (FEDOSSE, 2000, p. 143).

A perspectiva teórico-clínica adotada neste trabalho permite perceber como os níveis linguísticos que interagem na produção da cadeia verbal e os aspectos discursivos são cruciais para a compreensão da forma e do sentido das produções que se apresentam. Dessa forma, a partir de uma outra concepção de linguagem, CN pode lidar com sua afasia, sem definir-se pela falta e pelo erro, consequência presente quando o atendimento se assenta sobre uma concepção de linguagem enquanto código e uma idéia de que a linguagem deva ser ensinada ou treinada.

O enfoque do atendimento anterior de CN trazia consigo a idéia de ajuste e submissão, que a deixava num lugar infantilizado, ao qual não se ajustou. Submissão é uma forma de não viver. Ela mesma intui isso e expressa sua busca: “A pior coisa da vida é não viver”.

Falamos de sujeitos vivos, inteiros, como condição para o exercício real da linguagem. Winnicott (1970/1999) ressalta nesse sentido que é

a apercepção criativa, mais que qualquer outra coisa, que faz o indivíduo sentir que a vida vale à pena. Contrastando com isto, existe um modo submisso de relacionar-se com a realidade externa, no qual o mundo em todos os seus pormenores é reconhecido apenas como algo ao qual ajustar-se, ou que

exige adaptação. A submissão traz consigo o sentimento de inutilidade e está associada à idéia de que nada importa e de que não vale à pena viver a vida (p. 36).

Para encerrar, cabe ainda uma reflexão do mesmo autor que ajuda a caracterizar o processo vivido com CN:

Sei que uma forma de cozinhar salsichas é seguir as instruções de Mrs. Beeton (Clement Freud, aos domingos). Outra forma é pegar as salsichas e cozinhá-las do jeito que for possível. O resultado pode ser o mesmo, mas dá mais prazer conviver com a cozinha criativa, mesmo que, às vezes, ocorra um desastre, ou que o gosto fique esquisito, ou alguém suspeito do pior. O que estou tentando dizer é que, para o cozinheiro as duas experiências diferem: o escravo que obedece nada tira da experiência, a não ser o incremento da sensação de dependência da autoridade, enquanto a pessoa original se sente mais real e surpreende a si mesma em função daquilo que vai surgindo durante o ato de cozinhar. Quando surpreendemos a nós mesmos, estamos sendo criativos e descobrimos que podemos confiar em nossa inesperada originalidade. Não deveríamos nos preocupar se aqueles que comem as salsichas não percebem a coisa surpreendente que houve no ato de cozinhar ou se demonstram não apreciá-las do ponto de vista gustativo. (WINNICOTT, 1970/1999, p. 36).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAURRE, M. B. M.; COUDRY, M. I. H. Em torno de sujeitos e de olhares. **Estudos da Língua(agem)**. Vitória da Conquista, v. 6, n. 2., p. 171-194.

COUDRY, M. I. H.; POSSENTI, S. Avaliar discursos patológicos. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, n. 5, p. 99-109, 1983.

COUDRY, M. I. H. **Diário de Narciso**: discurso e afasia. Análise de interlocuções com afásicos. 1986. [s.p] Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1986.

\_\_\_\_\_. **Diário de Narciso**: discurso e afasia. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

FEDOSSE, E. **Da relação linguagem e praxia**: estudo neurolinguístico

de um caso de afasia. 2000. 153 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

FREUD, S. **A interpretação das afasias**. São Paulo: Edições 70, 1979, 76 p. Edição original: 1891.

MORATO, E. M. Significação e Neurolinguística. In: Damasceno, B.P.; Coudry, M. I. H. (Org.). **Temas de Neuropsicologia e Neurolinguística**. São Paulo: SBNp, 1995, p.26-31.

SACKS, O. **O homem que confundiu a sua mulher com chapéu**. São Paulo: Companhia da Letras, 1997.

VARLEY, R.; WHITESIDE, S. P. What is the underlying impairment in acquired apraxia of speech? **Aphasiology**, London, v. 15, n. 1, p. 39-49, 2001.

WINNICOTT, D. W. **Tudo começa em casa**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999. Edição Original 1970.

\_\_\_\_\_. **O ambiente e os processos de maturação**: estudo sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

*Recebido em 28/05/2008.*

*Aprovado em 10/06/2008.*

## **SOBRE A AUTORA**

**Cinthia Ishara** possui graduação em Fonoaudiologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1992), Mestrado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (2004) e Doutorado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (2008). É pesquisadora no Grupo de Pesquisa Projeto Integrado em Neurolinguística: elaboração de banco de dados e de protocolos de avaliação (Unicamp/CNPq), no Grupo de Pesquisa em Estudos da Língua(gem) (CNPq/Uesb) e no Grupo de Pesquisa e Estudo em Neurolinguística (CNPq/Uesb). Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Neurolinguística. Atuando principalmente nos seguintes temas: afasia, apraxia, heterogeneidade, processo terapêutico. Atualmente, é Professora visitante da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - Uesb. E-mail: cinthia47@ig.com.br